

## EDITORIAL

 Eduardo Karol <sup>A</sup>

 Maria Brígida Brito da Silva <sup>B</sup>

<sup>A</sup> Programa de Pós-Graduação em Geografia / FFP, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGGEO/UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil

<sup>B</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil

**Recebido em:** 16/jan/2024 | 16/jan/2024    **DOI:** 10.12957/tamoios.2024.81376

**Correspondência para:** Eduardo Karol (eduardokarol01@gmail.com)

A revista Tamoios publicada pela primeira vez no ano de 2001 em formato impresso, tem no seu primeiro editorial o objetivo de divulgar a produção científica e acadêmica de docentes do Departamento de Geografia da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de licenciados/as e de autoras/es nacionais e estrangeiros que desenvolvam estudos e pesquisas sobre questões ligadas à Geografia, à Educação e à análise de conceitos ligados ao espaço geográfico trabalhados no ensino nas escolas básicas do país. Se levarmos em consideração o ano de publicação do primeiro exemplar impresso, estaríamos comemorando 23 anos do periódico. No entanto, esse formato só teve um número publicado. O segundo número impresso, por questões técnicas, não circulou. Após isso, houve um espaço-tempo em que a revista deixou de ser publicada. Mas tendo sido relançada no ano de 2005 no formato revista eletrônica, chegamos ao ano de 2024 com o vigésimo volume, sem interrupções.

Hoje a revista está consolidada e atingiu todos os objetivos propostos no seu projeto original, os atualizou e avançou com diversidade invejável nas temáticas geográficas. Só para exemplificar, publicou sobre a pandemia que se abateu sobre o mundo em 2021 e 2022, publicou números especiais críticos sobre agronegócio, ensino de geografia, identidades, entre tantos temas. Construiu parcerias com corporações de pesquisadores em Cartografia, Geotecnologias e Geografia Urbana. Não podemos esquecer do convite aos autores internacionais que contribuíram com artigos para vários números nos últimos anos. Enfim, o vigésimo volume chega com um lastro de trabalho que foi construído por artesãos presentes nos mais diversos lugares onde se pesquisa e produz Geografia.





Começamos agradecendo as pessoas das quais lembramos neste instante de criação deste editorial. Você leitor, que participou de alguma maneira da criação e manutenção desse projeto, não se sinta excluído: de algum modo seu nome vigora em algum lugar do periódico.

Temos que agradecer aos bolsistas que nos ajudaram na tarefa de manter a revista em dia desde o ano de 2006. Assim, queremos destacar dentre onze bolsistas os nomes de Keilla da Fonseca Casimiro, Hannah Karina de Azevedo Batalha, Fernanda Cristine Ribeiro, Maria Brígida Brito da Silva e Bruno de Lima Alves. O destaque se deve à autonomia e organização com as quais realizaram seu trabalho, impulsionando o alcance da revista. Aqui não podemos deixar de lembrar da profissional Cássia Ribeiro que apoiou o projeto com suporte nas questões de informática nos primeiros anos da revista. Agradecemos também a equipe do Portal de Publicações da UERJ que, mesmo com poucos recursos e muitas vezes tendo que assessorar quase uma centena de periódicos, sempre nos prestou o melhor serviço. A equipe do Departamento de Extensão da UERJ, que cuida da avaliação do projeto da revista e prepara anualmente a apresentação no evento “UERJ SEM MUROS”. Aos docentes do Departamento de Geografia da FFP/UERJ que iniciaram e continuaram este projeto. Em nenhum momento de dificuldade desanimaram na busca por soluções para superarmos as adversidades que a criação, manutenção e consolidação de um periódico impõe ao trabalho acadêmico. Podemos muitas vezes comemorar com alegria os passos que tornaram a revista conhecida nacional e internacionalmente.

Cabe aqui um agradecimento especial aos docentes avaliadores e avaliadoras. Sabemos o quanto é difícil esta atividade que muitas vezes só propicia uma declaração para a comprovação de que estamos fazendo nosso trabalho.

Por fim, um item que não deve ser deixado de lado é a constituição da equipe editorial. No começo do projeto esta equipe se restringia a um Editor Gerente e uma bolsista. Hoje, trata-se de uma equipe constituída de seis docentes e uma bolsista, com projetos de expandir-se com a calma e consistência que a história e o compromisso da revista exigem.

O número um do volume vinte da revista Tamoios apresenta em sua primeira seção treze artigos em diferentes perspectivas temáticas, mas que enfocam áreas/questões muito pertinentes no campo da Geografia. Podemos assegurar que este número traz uma miscelânea de temas caros à Geografia: climatologia estatística; geotecnologias; nomenclatura sobre consumo de agrotóxicos; impacto ambiental; Geografias feministas; uso do território;



mineração etc. Vários deles têm uma perspectiva mais empírica, outros concentram-se numa análise teórica do espaço capitalista contemporâneo.

Na seção ARTIGOS abrimos este número com “CARACTERIZAÇÃO DA PRECIPITAÇÃO A PARTIR DA TÉCNICA DOS QUANTIS E DA FREQUÊNCIA DE CHUVA DURANTE O PERÍODO DE 2006 A 2022 EM SÃO PEDRO DA SERRA – MUNICÍPIO DE NOVA FRIBURGO (RJ)” de Suellen Araujo Franco dos Santos, Ana Valéria Freire Allemão Bertolino, ambas da Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP) e Anna Regina Corbo, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET). As autoras neste trabalho propõem a caracterização do regime de precipitação mensal e anual pela técnica dos quantis e a categorização, pela frequência, de eventos diários de chuva em São Pedro da Serra - Nova Friburgo. Foram utilizados dados de precipitação registrados na Estação Experimental de São Pedro da Serra, pertencente ao Laboratório de Geociências da UERJ-FFP, no período de 2006 a 2022.

Os autores Ademir Kleber Morbeck Oliveira e Katiúcia Oliskovicz, juntamente com Rosemary Matias, vinculados à Universidade Anhanguera (Uniderp), Jorge Souza Pinto, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus Corumbá (UFMS), e José Carlos Pina da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), apresentam o artigo “ANÁLISE MULTITEMPORAL DA COBERTURA VEGETAL EM ASSENTAMENTOS RURAIS NO MUNICÍPIO DE ANASTÁCIO, MATO GROSSO DO SUL”. O presente estudo objetivou avaliar as mudanças ocorridas na paisagem em dois assentamentos rurais (São Manoel e Monjolinho), localizados no município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, por meio da análise da cobertura vegetal e uso da superfície da bacia entre os anos de 1986 e 2019.

O terceiro artigo, “ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DE RESTRIÇÕES E DECRETOS MUNICIPAIS NA EVOLUÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL DA COVID-19 EM RIO GRANDE (RS)” de Suelen de Souza Cadaval e Carolina Larrosa de Oliveira Claro, ambas afiliadas ao Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), Júlia Nyland do Amaral Ribeiro da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e Michele Neves Meneses da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). As autoras, nesse trabalho pretendem analisar o impacto espaço-temporal das ações municipais na contenção da distribuição espacial da COVID-19 no município do Rio Grande, estado do Rio Grande do Sul, pelo viés dos decretos municipais em vigor nos anos de 2020 e 2021.



O artigo seguinte, “AGROTÓXICOS, PESTICIDAS E DEFENSIVOS AGRÍCOLAS: QUAL A NOMENCLATURA ADEQUADA CONFORME A LEGISLAÇÃO CONSUMERISTA?”, elaborado pelo autor Alessandro Fernandes da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), busca promover a discussão da alteração da nomenclatura “agrotóxicos” para “pesticidas” ou “defensivos agrícolas”, com base no disposto no Código de Defesa do Consumidor (CDC), verificando qual seria o vocábulo mais adequado. Para tanto, foi conduzida uma pesquisa qualitativa exploratória composta por *desk research* em livros, revistas científicas e web e uma análise da Lei Federal 7.082/1989 e das propostas legislativas que propõem sua revisão, em especial o Projeto de Lei (PL) 6.299/2002, sob um prisma consumerista, analisando alguns dos mais importantes dispositivos do CDC.

Em “MAPEAMENTO DE RIOS EM IMAGENS RGB COM APRENDIZAGEM DE MÁQUINA SUPERVISIONADA” de Mariany Kerriany Gonçalves de Souza, Mayara Maezano Faita Pinheiro, Danielle Elis Garcia Furuya e Lucas Prado Osco, vinculados a Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE), José Marcato Júnior e Wesley Nunes Gonçalves da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e Ana Paula Marques Ramos da Universidade Estadual Paulista (UNESP), os autores mapearam cursos d'água em imagens RGB usando algoritmos de aprendizado de máquina supervisionado - *Random Forest* (RF) e *Support Vector Machine* (SVM). O estudo de caso foi conduzido na região da 22ª Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos do Pontal do Paranapanema, em São Paulo, utilizando imagens aéreas RGB de alta resolução espacial (1 metro). O método incluiu a preparação dos dados, treinamento e validação dos algoritmos de aprendizado de máquina, usando métricas quantitativas como o F1-score, e uma avaliação qualitativa dos resultados.

Já o artigo, “NÓS. HOMENS, GEÓGRAFOS...E FEMINISTAS?”, do autor Victor Dantas Siqueira Pequeno, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) consiste em verificar se há nas pesquisas desenvolvidas por homens geógrafos uma difusão do que o autor chama de éticas feministas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa-exploratória que utiliza da pesquisa bibliográfica para a coleta de dados e a discussão dos resultados. O autor defende que há um arco-íris de possibilidades teórico-metodológicas encaminhadas por corpos e mentes dissidentes e que reivindicam à Geografia a saída do armário.

Em “DIGITALIZAÇÃO DO TERRITÓRIO: MATERIALIDADES E SENTIDOS DA AÇÃO (DIGITIZATION OF THE TERRITORY: MATERIALITIES AND MEANINGS OF THE ACTION)” o autor Luis Henrique Leandro Ribeiro da Faculdade de Formação de



Professores (UERJ-FFP) busca refletir sobre como a digitalização do território tem se expressado enquanto conjunto de materialidades e ações portadoras de diversos sentidos de exploração, cooperação ou resistência. Ademais, o autor problematiza ainda se, a partir daí, é possível vislumbrar a transição para um novo período histórico, um período popular da história.

A atenção aos desastres socio tecnológicos e ambientais que têm na estruturação sistêmica do capital sua principal origem é um eixo importante no trabalho apresentado a seguir por Celiane Souza Xavier e Mariana Cristine Villefort Teixeira, ambas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), intitulado “QUANTO VALE UM TERRITÓRIO? MARCAS DO DESASTRE DE FUNDÃO NA PAISAGEM DE MARIANA”. As autoras pretendem identificar, a partir do rompimento da barragem de Fundão, de propriedade da Vale Mineração S.A., da Samarco Mineração S.A. e da BHP Billiton – ocorrido em 05 de novembro de 2015 em Mariana-MG –, os custos materiais e imateriais da sobrevalorização de um modelo econômico fadado à autodestruição. Para tanto, terão na Paisagem da Destruição o parâmetro de análise que permitirá, por meio de seu amadurecimento conceitual, compreender as consequências de um desastre-crime que perdura ao longo do tempo contrastando com a retomada econômico-produtiva dos agentes mineradores nos territórios atingidos.

O artigo “IMAGENS, LUGARES SIMBÓLICOS E IDENTIDADE: A CRIAÇÃO E A RESSIGNIFICAÇÃO DA PAISAGEM URBANA EM SÃO LUÍS, MARANHÃO” de Luiz Eduardo Neves dos Santos, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), propõe abordar como determinadas imagens sobre a cidade de São Luís, inseridas em uma lógica específica, materializadas através de lugares simbólicos, são socialmente construídas no tempo, criando identidades, memórias e ressignificando paisagens urbanas que, por sua vez, refletem os valores e os ideais do pensamento dominante, qual seja os ligados às elites políticas e econômicas locais. O autor, para concretizar a proposta levantada, recorreu a uma abordagem de pesquisa exploratória e explicativa de caráter histórico que conta com o auxílio de uma gama de referências bibliográficas, documentais e uma iconografia diversificada que tem a ver com a temática apresentada no trabalho.

Considerando a compreensão da paisagem como uma experiência relacionada a uma disposição de elementos e suas dimensões culturais, sociais e sensoriais, e com o objetivo de enfatizar o papel dos indivíduos como agentes na configuração desse arranjo, a autora Gabriela Leal Rios, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) propõe no artigo



intitulado “A PAISAGEM ENTRE O PRÓXIMO E O DISTANTE: IMAGENS E AROMAS NO SETOR DOS VENDEDORES DE CHEIRO NO VER-O-PESO” analisar a relação entre as dimensões olfativa e imagética da paisagem do Setor de Ervas do mercado do Ver-o-Peso, em Belém do Pará. Por conseguinte, a autora busca, por meio da interlocução com os erveiros, estabelecer um diálogo entre práticas, rituais, suas simbologias e a sensorialidade singular que participa da unidade da paisagem.

Finalmente, a seção de artigos é finalizada com a apresentação do texto “PERCEPÇÕES DE DOCENTES DOS CURSOS DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - RS, SOBRE EDUCAÇÃO INCLUSIVA E INCLUSÃO ESCOLAR” dos autores Lucian Armindo da Silva Brinco e Natália Lampert Batista, juntamente com Mauro Kumpfer Werlang, vinculados à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). No artigo, os autores propuseram apurar as percepções de docentes dos Cursos de Geografia (Licenciatura Plena e Bacharelado) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), localizada no estado do Rio Grande do Sul (RS), a respeito de aspectos ligados à educação inclusiva e inclusão escolar. Esses apontam para a importância de se pensar a inclusão de alunos com deficiência no contexto do ensino de Geografia na contemporaneidade, uma vez que se trata de uma questão emergente para a Educação Geográfica.

A sessão *O Sentido das Coisas* apresenta o artigo “A MÚSICA COMO POSSIBILIDADE GEOGRÁFICA DE COMPREENSÃO ACERCA DO IMAGINÁRIO DE SERTÃO NORDESTINO” de Dayanne Nobre de Melo e Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega, ambos da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). O objetivo do artigo é analisar como a música se torna uma possibilidade para auxiliar na construção do imaginário sobre o sertão nordestino e como esse imaginário possibilita múltiplas interpretações geográficas, revelando de que maneira a relação entre a música e a geografia se fundamenta como uma fonte de pesquisa e compreensão de questões sociais.

E fechando este número comemorativo a seção *Traduções e tradições em Geografia* apresenta o artigo “PODEMOS FALAR DE GEOGRAFIAS ‘PÓS-COLONIAIS’ NA FRANÇA A PROPÓSITO DA GEOGRAFIA DOS CHAMADOS PAÍSES DO SUL?” de Catherine Fournet-Guerin, professora da Universidade Sorbonne, Paris. Este texto é dedicado a uma análise do lugar das abordagens pós-coloniais na geografia francesa desde a década de



1990 até o período atual (final da década de 2010). Nele são identificados os pesquisadores em causa, em cujos trabalhos o lugar destas abordagens é limitado.

Ótima leitura a todos!

### **COMO CITAR ESTE TRABALHO**

KAROL, Eduardo. SILVA, Maria Brígida Brito da. Editorial. Revista Tamoios, São Gonçalo, v. 20, n. 1, p. 1-7, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2024.81376>. Acesso em: DD MMM. AAAA.